

EFEMINAÇÃO EM ESCRITOS DO SÉCULO XIX: ANOTAÇÕES PRÉVIAS DE UM PROBLEMA (1853-1896)

Daniel Vital dos Santos Silva¹
Universidade Federal da Bahia

[o Traviata] *Libidinoso e effeminado até ao extrêmo a sua voz era duçurosa, sibilante, sua phrase curta e ameigada, seus requebros petulantes, constituindo-se no todo o pederasta mais convidativo e cynico.* (PIRES de ALMEIDA, 1906, p. 79)²

Resumo: No século XIX, a categoria de “efeminação” surgiu aqui e ali como uma característica negativa ostentada de certos indivíduos do gênero masculino em diversos tipos de documentos. Tanto nos jornais quanto nos romances, bem como em teses de douramento dos jovens médicos, uma descrição nada lisonjeira acompanhou os homens que agiram, falaram, se vestiram ou se comportaram como integrantes do gênero oposto. O objetivo deste artigo é investigar vários enquadramentos de sujeitos considerados efeminados em diferentes fontes, e as conexões e diferenças entre estas categorizações que povoavam o imaginário do império brasileiro.

Palavras-chave: Gênero; Efeminação, Século XIX

BRIEF NOTES ABOUT EFFEMINATION IN 19TH CENTURY DOCUMENTS (1853-1896).

Abstract: At the 19th century, efemination was a very peculiar category in some documets, like newspapers, novels, and the doctoral thesis wrote by the medicine students to getting his academical degree. These descriptions weren't good at all about men whom get dressed, spoke, or behaved unlike his own gender. The objective of this brief article is study distinct kinds of framing these people in distinct documents.

Keywords: Gender; Effeminacy; XIXth Century

Introdução:

Durante a consulta de vários documentos do século XIX tratando sobre vários temas relacionados a papéis de gênero ou práticas sexuais divergentes, foi possível observar o aparecimento de um atributo bastante particular: a *efeminação*, uma

1 Mestrando em História Social pelo PPGH da Universidade Federal da Bahia.

2 *Traviata* foi o nome de um famoso pederasta carioca na virada do século XIX para o XX, muito hábil na confecção de chapéus. Os grifos em itálico são meus. Cf. ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões do insticto genital.** Rio de Janeiro: Laenmmert, 1906.

característica bem pouco desejável para qualquer homem, marcada por uma espécie de experiência subalterna em relação a formas de masculinidade mais próximas de uma norma. Neste artigo, pretendo investigar como se processaram os diferentes enquadramentos de sujeitos efeminados em diferentes documentos, destacando no que se aproximam e no que se afastam. As reflexões concernentes às implicações teóricas deste estudo serão objeto de um estudo futuro, mais detalhado com um corpo de fontes ampliado.

I - Teses de doutoramento da Faculdade de Medicina da Bahia: enquadramento médico.

Foi relevante a produção sobre a sexualidade na Faculdade de Medicina da Bahia durante a segunda metade do século XIX. Dezenas de teses trataram do assunto, com dimensões que variavam de umas poucas folhas até tomos extensos, que ultrapassavam a conta de cem páginas. Os documentos, entretanto, possuíam algumas características em comum, tornando seu conteúdo bastante singular. O século XIX Foi um período no qual os médicos se queriam cientistas sociais tanto quanto praticantes da medicina (SCHWARCZ, 1993, p. 200), capazes (ao menos teoricamente) de agir como terapeutas do indivíduo e sanadores dos grandes males da sociedade brasileira. Assim, parte das estratégias narrativas bastante evidentes naquelas teses foi o duplo enquadramento dos problemas sociais ligados às doenças ou sintomas de patologias, que deveriam ser cuidadas e contra as quais não se deveriam medir esforços – sobretudo em se tratando de políticas públicas de agentes do Estado – muitos dos quais eram médicos (ALONSO, 2005, p. 20).³

O duplo enquadramento tinha o condão de tornar uma patologia individual parte de um problema social muito maior. Frequentemente, esses males foram tratados no discurso como um perigo terrível, que era indispensável evitar. Vejamos um exemplo que deixou evidentes os efeitos dessa estratégia narrativa:

No Brasil existem libertinos de ambos os sexos, de todas as classes e profissoens, d'esde o mais vil escravo até aquelle que muito se ufana com (...) titulo de Aristocrata: a prostituição invade todas as ruas e praças: não ha, entre nós leis, que fação abafar tanta corrupção e immoralidade: estão ahi as escancaradas abertas os mais imundos lupanares, e prostibulos, a devassidao estende suas raises por todos os

3 ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento** - a geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

lugares, porque nada encontra que lhe offereça resistencia: a syphilis vai desapiadadamente solapando a economia e gastando as forças do organysmo, diminuindo o calor da vida, sem attender a idade, sexo e temperamento; todos que a ella se entregão não são por esse terrivel flagello respeitados. [sic]⁴

Este pequeno trecho tornou inteligível a construção de um “comportamento patológico” praticado por um sujeito doente (o libertino). Um mal como este foi suficientemente importante para que seu autor, homem da elite e educado com a instrução mais apurada que era possível obter no século XIX, esbravejasse sobre a necessidade de leis a punições para os comportamentos dos libertinos. Uma rejeição a devassidão. Sobretudo, assinalou a relação entre libertinagem, corrupção e imoralidade, o que, trocando em miúdos, implicou num entendimento em que o libertino mais do que um sujeito doente deveria ser entendido como um problema para a sociedade.

Ora, a tese cujo trecho foi acima citado trata da libertinagem, mas também faz algumas considerações sobre a efeminação como fruto desta libertinagem. Numa espécie de desfile de malefícios, a efeminação fica situada no mesmo plano da prostituição, da devassidão, das imoralidades e no vestíbulo da sífilis e da corrupção moral, que antecede mortes dolorosas e a degeneração da civilização; afinal de contas, o homem efeminado foi tratado como incapaz de ações enérgicas e viris, sobretudo quando estava numa posição tão importante quanto a de um monarca.

A efeminação apareceu na narrativa de Brito como mal de alguns monarcas, a exemplo do rei da França Francisco I: adamado que era, permitiu que mulheres tomassem a frente do governo e envolvessem o reino da França em intrigas e corrupções.⁵ Ora, o que se pode depreender do termo adamado? Em primeiro lugar, a consulta aos dicionários da época deixou clara a sinonímia com alguém considerado mole, efeminado, que se enfeita como as damas,⁶ e, por ilação, que age com as fragilidades do sexo feminino. Exatamente o oposto que seria de esperar de um soberano, no qual se busca um modelo de conduta enérgica e liderança à prova de influências. Não parecia nada desejável para qualquer homem a pecha de adamado, do cidadão ao monarca. Prosseguindo pelo caminho descrito pelo autor, a efeminação

4 BRITTO, Marinonio de Freitas. **A libertinagem e seos perigos relativamente ao physico e moral do homem**. Salvador: Tipografia de Vasco Carneiro d'Oliveira Chaves, 1853, p.34.

5 Idem, 1853, p. 24.

6 PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Rio de Janeiro: Typographia de Silva, 1832.

podia ser traduzida como uma leniência em questões morais e certa inclinação para a corrupção (moleza). No breve histórico do problema da libertinagem que o autor realizou em sua tese de doutoramento, a *moleza* foi parte de comportamentos de monarcas libertinos e brutais, bem como parte de sociedades em processo de degeneração:

*Aqui damos fim ao nosso trabalho, servindo-nos ainda destes bellos pensamentos do immortal Virey: Nada ha de tão odioso, tão desagradavel, como o dissoluto libertino se revolvendo no lamaçal de suas infamias, acumulado de syphilis, enervado pelos revoltantes prazeres, que elle paga com mui variados soffrimentos, e com uma prematura morte. Elle é vil; porque é fraco; é desprezível, porque perdeu todo o seo espirito toda a sua intelligencia com a perda das forças; elle se furta até ao unico bem, que se não saberia recusar a outros desgraçados, a compaixão das pennas que elle soffre [sic].⁷
Quem chorará um impuro Tibério? Um effeminado Heliogabalo?⁸*

Este trecho evidencia com bastante precisão o enquadramento proposto acima: a efeminação, patologizada, relacionada ao quadro de práticas libertinas, provocando não só a degradação do corpo e da mente humana, como também da própria sociedade. Individualmente, o destino previsto implicava na morte dolorosa, muitas vezes trágica, depois de uma vida infeliz. Para as sociedades, o efeito foi a corrupção moral até a destruição. Assim, poder-se-ia até mesmo pensar se a escolha de Tibério e Heliogábalo, como parte da argumentação, foi de fato inocente: Tibério, tratado como impuro, foi soberano de Roma em sua época áurea. Sua trajetória, retratada na célebre *Vida dos Doze Césares*, parece ter poucas consequências para a sociedade romana, como se os efeitos perniciosos de sua libertinagem se encerrassem nele mesmo ou em seus parentes próximos, uma antessala para os gloriosos Antoninos no século seguinte. O povo da cidade das sete colinas, quando da morte deste imperador, condenou-o por seus atos brutais ao Tibre.⁹ Distinto foi o caso de Heliogábalo, parte da dinastia que antecede à

7 Grifos do autor.

8 BRITTO, Marinonio de Freitas. **A libertinagem e seus perigos relativamente ao physico e moral do homem**. Salvador: Tipografia de Vasco Carneiro d'Oliveira Chaves, 1853, p. 34.

9 TRANQUILLO, Caio Suetônio. Tibério. In: _____. **A vida dos doze Césares**. São Paulo: Atena Editora, 1956. p.p. 135-183.

crise do século III e ao esmaecer do mundo romano, brutalmente assassinado e do qual se construiu uma memória nem um pouco elogiosa.¹⁰

Não apenas Marinonio de Brito revisitou, ao realizar a história de um vício, a efeminação na antiguidade clássica. A tese mais famosa de Pires de Almeida, datada de 1906 e da qual se retirou a epígrafe deste trabalho, tem algumas páginas dedicadas a Tibério e a Heliogábalo. Embora em 1906 o problema maior seja o homossexualismo [sic], a efeminação deste último novamente contou muito mais negativamente que os vícios de Tibério.¹¹

Um último detalhe merece destaque. Trata de um postulado que não pode ser resolvido apenas tendo por base a tese que foi brevemente analisada. Ora, estes trabalhos tem uma estrutura que difere radicalmente dos livros para o grande público. A tese marca a passagem dos jovens aspirantes a doutor para a vida profissional, e foram ricamente enfeitadas, com diversos floreios e muitas homenagens: desde os amigos dos pais até os avôs e avós foram objeto de referências lisonjeiras, bastante extensas. Alguns trabalhos chegam mesmo a possuir mais agradecimentos do que propriamente análises dos temas pelos doutorandos.

Ao mesmo tempo, a linguagem requintada, repleta de construções lingüísticas sofisticadas e cuidadosamente polidas, com citações aos santos evangelhos e a obscuros imperadores romanos não parece um convite muito agradável a maior parte dos leitores. Admitindo a existência de diferentes níveis de letramento, é forçoso admitir também que quanto mais sofisticada a linguagem adotada em um determinado texto, maior a barreira para que fosse lido por sujeitos com maiores dificuldades de leitura, e que parecem constituir a base da pirâmide (CHARTIER, 2009, p.p. 113-160).¹²

A partir destas informações, não parece provável que o público leitor fosse muito vasto, e a ressonância social parece ser muito pequena. Mas este problema será mais bem tratado abaixo.

II – Periódicos: o enquadramento jornalístico.

A efeminação também foi encontrada em outro corpo de fontes extremamente interessante: aqui e ali, surge em jornais de maneira bastante peculiar. A efeminação

10 GIBBON, Edward. **Declínio e Queda d Império Romano**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

11 ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro)**: estudo sobre as perversões do insticto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

12 CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. *In*: CHARTIER, Roger. Àries, Philippe. **Historia da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: companhia das letras, 2009.

ganhou, porém, algumas características que diferem da tese. Em primeiro lugar, no que toca ao público alvo, o jornal certamente abarcava um número de leitores maior do que a tese de doutoramento. No século XIX, especialmente os periódicos tiveram um importante papel de espaço de disputas políticas e da elaboração e crítica de ações e atuações de sujeitos no âmbito público. Assim, não se tratava de uma leitura individual, silenciosa: a leitura de jornais implicava em verdadeiros debates acalorados nos botequins das várias cidades do Império.¹³

Diversos estilos de escrita cercam a construção das notícias, artigos e análises que compunham os periódicos. Assim, em uma edição do jornal *O Alabama*, citada por Telles, encontramos os seguintes elementos:

No dia 25 de setembro de 1866, o jornal O Alabama, através de um ofício ao delegado de polícia, informava que na rua dos Carvoeiros morava um crioulo conhecido por José do Ouro, sócio do Jovita, o qual tinha o desaforo de "por-se nu em casa, amarrar um lenço à cabeça, a laia de crioula, deitar argollas nas orelhas, coraes nos braços, embrulhar-se n'um chalé ou panno da costa e ir para janella". Observando que o "effeminado taful" entrava na sua morada, desembrulhando-se e "expondo-se neste estado à vista da família" que morava defronte, o ofício solicitava ao delegado, "em nome do decoro", a "correção merecida" ao "desavergonhado" José do Ouro.[sic]¹⁴

Que implicações existiam neste trecho? Primeiro, a ressonância social que a efeminação poderia ter para um de seus praticantes: o crioulo José do Ouro tornou-se notícia de jornal, digno da atenção e potencialmente da punição do chefe de polícia. Poder-se-ia argumentar que a irreverência se tornou punível pela cor de seu praticante: embora seja indubitável a relação entre cor da pele e truculência policial no século XIX, e mesmo depois, não se pode esquecer nesta conjuntura do travestismo, comportamentos que denunciam a efeminação foram uma das condutas tipificadas indiretamente pelo Código Criminal do Império,¹⁵ em seu artigo 280.

É forçoso concluir alguns aspectos até aqui: em primeiro lugar, o termo efeminado ganhou um conteúdo pejorativo e mesmo criminoso mais evidente do que

13 MOREL, Marco. A Imprensa periódica no século XIX. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/periodicoxix.html>>. Acesso dia 20 e Julho de 2013.

14 SANTOS, Jocélio Telles dos. **"Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200005. Acesso dia 20 de Julho de 2013.

15 Editado em 1840.

pode parecer inicialmente nas teses de doutoramento. A patologização e moralidade surgem acopladas e ao pedido de uma reação punitiva por parte do Estado. Devia ser corrigido, submetido determinado padrão de conduta e lugar social, especialmente considerando que a estratificação social no Brasil do século XIX seguia-se também por códigos muito claros – ainda que não necessariamente escritos – no que toca à simbologia das vestimentas. Numa sociedade que tinha entre seus fundamentos mais profundos a misoginia, e além de uma acentuada subordinação da mulher, a trajetória de José do Ouro representava uma espécie de cruzamento entre duas experiências de subalternidade: a experiência do racismo e da efeminação, elevadas ao status de caso de polícia, seguindo a anotação indicada por autores como Mott e Trevisan, que emprestam ao século XIX não apenas o sentido do nascimento de uma ciência médica sanadora dos males da sociedade doente (inclusive a efeminação): mas reconhece em pedidos como o supramencionado, acompanhado de ações concretas um conteúdo de repressão. Evidentemente, José do Ouro viveu a experiência de outra subalternidade – mas a relação entre elas será tratada na conclusão.

Mas houve outra dimensão ainda mais curiosa no que diz respeito ao enquadramento jornalístico da efeminação. Se as notícias e artigos pediam providências, outros demandavam não atuação, mas denúncia. Por vezes, parecia ser pouco efetivo ou adequado o recurso ao poder de polícia do Estado. Nestes casos, destaca-se o uso da efeminação como uma espécie de acusação que imputa a vítima o opróbrio público:

*Gustavinho, gentil! lindo Narciso!
Que em de Echo, tens tezo frangalho
Para que avandonasto o terno guizo
Que nas pombas tangia por chucalho?
De Aspazia tu deixaste o paraizo.
Para ires do progresso ser bandalho
Tenho pena de ti por seres dama
Segundo me assevera sua fama.¹⁶*

Este escrito foi localizado em um jornal chamado *Os Defunctos*, nada menos do que um periódico ligado ao Partido Conservador. As vítimas do longo poema chistoso, do qual o excerto foi retirado, são eminentes políticos do partido liberal (afinal, ao lado do Dr. Gustavo está Maneco Dantas, apelido de Manoel de Souza Dantas, poderoso líder do partido liberal) e que foram por meio desta colocados diante da ameaça do

16 **OS DEFUNCTOS.** Salvador: Tipografia constitucional & Tipografia de França Guerra. 1868-1869. Semanal.

opróbrio público. Desta vez, não se tratava de chamar o delegado para punir um efeminado que se vestia de mulher e ficava à janela de sua casa: mas, sim, um ataque deliberado a um adversário político, uma maneira de desmoralizar e de impor ao seu contentor uma imagem de incapacidade, corrupção e ambigüidades naqueles comportamentos que, constituindo um modelo de moralidade, são teoricamente esperados por todos os agentes públicos. Ao longo das páginas do periódico, cada atuação, lei ou política do partido liberal foi satirizada e elevada à conta da insanidade e da corrupção. Para ações insanas e corruptas, sujeitos que tivessem algum tipo de defeito neste particular: e daí o lugar ocupado pela efeminação que difere um pouco do enquadramento médico, já que o efeminado doutor Gustavo faz companhia a homens burros, vaidosos, gestores incompetentes quando não verdadeiras raposas em pele de cordeiro. Ainda que não seja possível, neste momento, dimensionar com maior capilaridade a ressonância social dessas acusações – de resto, também argumentos retóricos – a presença de um ou outro registro torna plausível um caminho a ser percorrido.

Outra diferença entre enquadramento médico e jornalístico foi que não se citou o efeminado na condição de doente, mas na de criminoso e amoral ou moralmente leniente. Assim, o papel do médico, neste caso, era no mínimo sujeito a disputas com outros agentes sociais, como o caso do delegado de polícia. A ousada e algo arrogante afirmativa do citado doutor Marinonio de Britto sobre o poder sanador da medicina estava presente na atuação de outros agentes sociais – mas em termos muito mais sutis do que a enfática afirmação deixa parecer ao leitor. Em última análise, é necessário recordar que a atuação dos médicos era a possível de ser realizada dentro de seu contexto, e que provavelmente diferia do que aprendiam na Academia e até mesmo de seus desejos pessoais.

III – Romances: o enquadramento literário.

O terceiro vetor deste estudo visa acompanhar o enquadramento da efeminação em outra fonte. Desta vez, um romance que apresenta elementos bastante curiosos. Trata-se de uma das obras do escritor José de Alencar, intitulada *Diva – perfil de mulher*, publicado em 1864. Evidentemente não se pode considerar esta obra nos termos dos atuais *best-sellers*, com leitores na casa das dezenas de milhares. Mesmo assim, o consagrado autor de *Senhora* atingia a um público cujas proporções não se podia facilmente deixar de lado. Foi um romance no qual se deve pensar em termos de

modelos de conduta derivados de tipos sociais que presentes no contexto social do império. Assim, a construção do modelo de efeminação de um dos personagens realizado por Alencar tem características que provavelmente reforçavam o imaginário dos leitores sobre essas figuras perniciosas.

Como outros trabalhos, o romance tem caráter epistolar, apresentando cartas de seu protagonista o médico Amaral, para seu amigo Paulo. São os desabafos das desventuras amorosas do primeiro para conquistar Emília, a diva dos salões a que se referiu o título da obra, e que desdenhava o amor do jovem médico com sua personalidade forte – e discretamente considerada inadequada pelo autor.

Fundamental foi menos a trama principal do enredo do que as acessórias. Em verdade, um dos personagens mereceu a maior atenção para efeitos deste estudo, ainda que não seja antagonista nem protagonista: Barbosinha, parte da corte de admiradores de Emília.

Esta passeava na sala pelo braço de um moço de vinte annos, ridiculo arremedo de homem, que a moda transformára n'um elegante boneco. Emilia, na sua fria e incisiva ironia, retratava-o com um monosyllabo. Ella dizia por exemplo:

- Nós somos um perfeito cavalheiro de sala, Sr. Barbosinha. Nós trajamos no rigor da moda.

Este nós era o pronome da fatuidade e effeminação do moço [sic]. (ALENCAR, 1925, p. 47)¹⁷

É forçoso notar alguns elementos. Primeiro, a inadequação do comportamento a certo modelo de masculinidade dominante, expresso pela oposição não apenas entre Barbosinha e o protagonista Amaral, mas também entre o primeiro e o tenente Veiga, admirador ardente de Emília, mas um homem enérgico, como sugerem a aparência e a profissão de militar. Aqui existe uma convergência entre elementos do enquadramento jornalístico e do literário: a vida social do efeminado foi marcada pela inadequação à padrões e valores de conduta, foi merecedora de desprezo ou desdém de seus pares do sexo masculino. Afinal, fatuidade é sinônimo de tolice (PINTO, 1832, paginação irregular). Este desprezo público, que foi fruto de uma falha de caráter poderia ter conseqüências consideradas ruins para seus praticantes. Ainda assim, não transpareceu durante a narrativa qualquer elemento patológico que pudesse eventualmente

17

ALENCAR, José de. **Diva**. Rio de Janeiro: Edicoes de ouro, [19--]. 166 p. Grifos do autor.

acompanhar o comportamento efeminado. Em menor grau, pareceu ser mera afetação da juventude seguindo modas parisienses. Em maior grau, um defeito que poderia gerar a corrupção dos costumes e/ou algum tipo de ambivalência moral. Este efeito amolecedor, que os costumes franceses pareciam ter sobre os cavalheiros, foi objeto de um relato satírico num periódico carioca datado de algumas décadas antes: o pai (chamado Veterano), indignado com a falta de educação e polidez do filho o enviou a França para estudar. Porém, ao voltar o resultado foi decepcionante:

Vet. Qual! Depois de andar por lá mais de seis annos, e de me gastar mais de seis contos de réis em toda a qualidade de extravagancias, segundo exactamente fui informado pelo meu correspondente, veio peor ainda do que foi; porque antes de ir, era louco por mulheres, debochado, extravagante; mas agora veio com presumpções de sábio, tão vaidoso e assucarado, que me parece hum Narcizo. Gasta segundo me consta, horas e horas ao espelho, perfumando-se com essencia de rozas; traz espartilho segundo o costume das mulheres; em fim vem hum asno quadrado, hum perfeito papelão[sic].¹⁸

Por fim, é necessário pensar em que termos seu autor - José de Alencar - pensava o papel da escrita naquele meado de século XIX. Muito embora *Diva* - perfil de mulher tenha sido escrito por encomenda da editora Garnier, como de resto o mais famoso *Lucíola* - não deixa de comportar similaridades com a linguagem e quiçá o público-alvo do folhetim. Assim, quando se pensa a obra de Alencar, deve-se ter em mente esta função prescritiva que o autor emprestava ao seu escrito. É a partir deste entendimento que a aparição de Barbosinha, por muito que tenha sido efêmera ganha contornos mais claros. O trecho citado, contudo, não responde a todas as questões. Passemos a outro romance.

Avançando um pouco no tempo, encontramos um testemunho bastante curioso datado do final do século XIX. Trata-se da obra *O Cortiço*, da autoria de Aluizio Azevedo. Famoso como texto marco do naturalismo nacional se propunha a retratar o cotidiano da população carioca mais pobre tendo como espaço privilegiado as relações que se construíram dentro de um dos cortiços que abrigavam estes indivíduos. A maioria dos habitantes da construção pouco salubres era trabalhadores de ambos os sexos, especialmente lavadeiras e pedreiros. Seus costumes são mostrados como grosseiros e

18 **O VETERANO**, ou o pai do filho da terra. Rio de Janeiro: Tipografia imperial e constitucional, 1831. Semanal.

desonestos, muito aquém do modelo de civilização que os literatos da conjuntura do final do século XIX e começo do século XX começavam a desejar para o Brasil. Sobretudo, o livro passou uma mensagem de que ambientes e convívio com pessoas inadequadas geram violência e imoralidade. O cortiço é um *espaço* não apenas um *lugar*. Repleto de uma teia de significados profundos, que não podem escapar ao olhar de um leitor mais atento.¹⁹ É o cortiço quem assiste e em última instância gera e retroalimenta a corrupção de seus personagens, mesmo daqueles que inicialmente não o eram, como Jerônimo ou Pombinha.

Um dos seus habitantes é que nos interessa para efeito deste estudo. Trata-se do único lavador entre as lavadoras, Albino. Dele se diz que:

*Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; (...) mas uma vez, indo a uma república de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia por quê, uma dúzia de bolos, e o pobre-diabo jurou então, entre lágrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os róis. E daí em diante, com efeito, não arredava os pezinhos do cortiço, a não ser nos dias de carnaval, em que ia, vestido de dançarina, passear à tarde pelas ruas e à noite dançar nos bailes dos teatros.*²⁰

Aqui a convergência entre diversos enquadramentos merece destaque. Novamente, apareceu a questão da efeminação relacionada ao desempenho de tarefas que não são próprias do seu sexo. Assim como Barbosinha, Albino foi tratado como um arremedo de homem ou mesmo algo pior: um homem que se deixou tratar e preferia viver como alguém do sexo oposto. Agredido, teve uma reação tipicamente pouco viril: choros, soluços e isolamento em seu lugar de conforto. Apenas saía na época do carnaval, quando as inversões, inclusive no comportamento, são possíveis e até mesmo incentivadas.

Em segundo lugar, a moralidade pouco clara de seu autor fica evidente na tolerância que tinha no seu círculo e, logo, num espaço marcado pela corrupção dos costumes. Ela não era natural nem desejável, e, quando saiu da zona onde sua

19 CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano**. 11. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

20 AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2007, p. 159.

efeminação era aceita, foi agredido – e por ninguém menos que estudantes. Embora o livro não faça menção, a possibilidade de serem estudantes universitários existia – e neste caso, o grupo precisa ser compreendido como parte de uma elite intelectual com acesso ao conhecimento, criadora de valores associados ao que chamavam de civilização, e em nome da qual julgava intolerável à efeminação.²¹

Considerações finais: tentativas de enquadramentos

O fenômeno da efeminação foi plural e, assim, não se pode esgotá-lo nas dimensões deste artigo. Contudo, mesmo assim, as narrativas destas experiências de guardam uma importante lição de análise: percebê-la é, também, admitir as pluralidades contidas profundamente coladas a diferentes clivagens sociais, como classe social, raça-etnia e sexualidade.

É necessário, pois, pensar a produção histórica a partir de fontes de significados socialmente construídos. Ela foi desigual para os três tipos de fontes – e afirmar isto nada mais é que parte da crítica documental do ofício do historiador, que deve conhecer suas fontes em função da época em que foram produzidas tanto quanto na maneira em que servem de manancial de informações. A tese possuía uma circulação mais restrita, e na década de 50 do século XIX provavelmente não ultrapassava o círculo dos que tinham algum tipo de relação com a Faculdade de Medicina da Bahia. O enquadramento médico apresentava a efeminação como um diagnóstico de um problema moral em termos muito mais fechados. Outro elemento mereceu destaque: a efeminação foi chamada por Brito de *vício*, ecoando categorias herdadas da religião católica, fundamento de grande parte da moralidade brasileira no século XIX. Assim, a prática médica e suas categorias e enquadramentos parecem dever algo à religião, quase como um desejo de espelhar e legitimar a prática do médico como um sacerdócio - agenda explícita em outras teses de doutoramento da Faculdade de Medicina da Bahia.²²

21 Há diversos casos onde a efeminação foi punida, não raro ao lado da homossexualidade e da prostituição. O caso mais famoso, e que retenho aqui como exemplo foi o de Oscar Wilde, réu de um duro processo crime ao fim do qual estava desacreditado, mergulhado no ostracismo e no opróbrio público.

22 Ver: GITAHY, José Muniz Cordeiro. **Da medicina e do christianismo e suas relações entre si**. Bahia, 1851. 20 p. Salvador: Typographia de Carlos Poggetti, 1851.

De forma sutilmente diferente, no jornal a efeminação foi um problema em si mesmo, que estava relacionado a uma sociedade libertina, mas não necessariamente integrada com a organicidade que apresentou na tese. Simultaneamente, o jornal ressaltou o tratamento diverso que sujeitos efeminados com diferentes lugares sociais podiam experimentar: José do Ouro foi um efeminado, que potencialmente merecia toda a punição que seus dois problemas – de raça e sexualidade – podiam prescrever, num processo de contato entre experiências de subalternidade.

No entanto, o mais interessante é quando se pensa em termos de romances, e de sua interlocução com os folhetins, comuns em jornais da época. Embora *Diva* tenha sido escrito por encomenda da editora Garnier, possui alguns dos traços de seus congêneres divulgados em periódicos. Vale ressaltar que o folhetim trazia ao escritor certa liberdade na escolha dos temas a tratar e com qual linguagem, esposando valores que atraíam novos leitores – preferencialmente assinantes.

O tema comum a todas as experiências relatadas nas fontes, porém, foi a “desvirilização” do homem. Numa sociedade que se pensava a partir de modelos de conduta e papéis, não é de admirar que os sujeitos aos quais se imputou a pecha de efeminados estivessem numa posição subsidiária no modelo de masculinidade. Caso notório do doutor Gustavo, supracitado no poema satírico do periódico estudado, bem como do Dr. Barbosinha descrito por Alencar. Mas isso ocorre ao lado destas personagens, situados num estrato social mais elevado e em verdade propriamente desvirilizados, com um comportamento feminino sem maiores consequências. Talvez, se possa pensar o problema destes “lindos narcisos”, para usar um termo comum a documentação, que tornou-se inteligível inclusive dentro da relação com o próprio papel social que o homem-cidadão deveria desempenhar, e que era interdito às mulheres, como lembra Scott ao tratar da gestão do papel social da mulher burguesa a partir da revolução francesa, por meio de um jogo relacional construído pela oposição ao papel do homem-cidadão. A partir destes jogos, se definiam papéis sociais, inclusive em termos políticos.²³ Esta última preocupação, inclusive, não deveria estar muito longe dos habitués dos salões como Barbosinha, e naturalmente foi à razão do opróbrio do Dr. Gustavo.

Mas existiram sujeitos nos quais a efeminação se cruzou com outros critérios de subalternidade, e que auxiliam no papel fundamental de particularizar estas

23 Ver: SCOTT, Joan W. Introdução. *In*: _____. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002, p. 309.

experiências. O caso de José do Ouro, citado acima, ilustrou bem convergência entre subalternidades. A efeminação chegou a tal ponto de afastamento do modelo de masculinidade que gerou a necessidade de punição, publicamente solicitada, mas à medida que se cola com as relações violentas de uma sociedade escravista. Similar foi o caso de Albino, mas desta vez a punição efetivamente ocorreu: uma vez saído do espaço no qual sua existência foi gerada e alimentada, e no qual a mestiçagem, a pobreza e a efeminação foram suas marcas distintivas, Albino foi agredido duramente pelos estudantes – violência que parece perfeitamente referendada nos escritos trabalhados para casos de degenerescência social. Vale aqui, como palavra final, pensar os diferentes enquadramentos do sujeito efeminado como uma espécie de espelho: por meio dele, seria possível realizar a construção em negativo de uma masculinidade modelar, marcada por interditos e negatividades associadas a diferentes narrativas de experiências de subalternidade.

Referências

- ALENCAR, José de. **Diva**. Rio de Janeiro: Edicoes de ouro, [19--]. 166 p.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Homossexualismo** (A libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões do insticto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.
- ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento** - a geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2007, p. 159.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 11. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. In: CHARTIER, Roger. Àries, Philippe. Historia da vida privada: **Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: companhia das letras, 2009.
- BRITTO, Marinonio de Freitas. **A libertinagem e seus perigos relativamente ao physico e moral do homem**. Salvador: Tipografia de Vasco Carneiro d'Oliveira Chaves, 1853,
- GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- MOREL, Marco. **A Imprensa periódica no século XIX**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/periodicoxix.html>>. Acesso dia 20 e Julho de 2013.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Sodomia na Bahia**. Disponível em: <<http://www.inquice.ufba.br/00mott.html>>. Acesso dia 20 de julho de 2013.
- O VETERANO, ou o pai do filho da terra**. Rio de Janeiro: Tipografia imperial e constitucional, 1831. Semanal.
- OS DEFUNCTOS**. Salvador: Tipografia constitucional & Tipografia de França Guerra. 1868-1869. Semanal.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Rio de Janeiro: Typographia de Silva, 1832.

- SANTOS, Jocélio Telles dos. **"Incorrigíveis, afeminados, desenfreados":** Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200005>.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993, p. 200.
- SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal:** as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- TRANQUILO, Caio Suetônio. Tibério. **A vida dos doze Césares.** São Paulo: Atena Editora, 1956.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso.** A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. São Paulo: Record, 2011.